

**O forro da Casa de Orações dos Terceiros no Convento de Santo Antônio da Paraíba:
algumas questões sobre suas imagens e a vida de São Francisco de Assis¹**

Carla Mary S. Oliveira²

Resumo: Não se sabe quando surgiram os Terceiros franciscanos na Paraíba, mas se acredita que isso ocorreu pouco após a chegada dos Frades Menores à Capitania, em fins do século XVI. O forro de sua Casa de Exercícios - obra da segunda metade do século XVIII - é mais uma, dentre as inúmeras pinturas nas igrejas barrocas do Brasil, de que não se conhece a autoria e, tampouco, qualquer documento a esse respeito. Seu tema central, no entanto, continua a fomentar discussões sobre seu sentido e o que está ali representado. Desde os anos 1950 alguns autores o identificam como o arrebatamento do profeta Elias aos céus num carro de fogo, fato descrito no II Livro dos Reis do Antigo Testamento. Essa tese não se sustenta quando se consulta as várias biografias de São Francisco de Assis, onde uma cena semelhante, ocorrida ainda durante a vida do santo, é descrita minuciosamente. As implicações simbólicas dessa imagem e sua relação com a estrutura social em que os Terceiros se inseriam na Paraíba Colonial é o tema central deste trabalho.

Palavras-Chave: Pintura Barroca; Paraíba; Século XVIII.

Abstract: It's unknown when the Third Order of Saint Francis appeared in Paraíba, but it's possible the brotherhood was created there a few years after the arrival of the Minor Friars in the Captaincy, in the ends of the 16th century. The ceiling painting of their House of Exercises - done in the second half of the 18th century - is one more among the countless paintings in the Baroque churches of Brazil whose authorship remains unknown and undocumented. Its central theme, however, motivates increasing discussions about its meaning and what is there represented. Since the 1950's some authors identify it as the taking of Prophet Elias to Heaven in a fiery chariot, a fact described in the II Book of Kings of the Old Testament. That thesis is not sustainable when confronted with the several biographies of Saint Francis of Assisi, where a similar scene, happened during the saint's life, is described. The symbolic implications of that image and its relationship to the social structure in which the Tertiaries were inserted in Colonial Paraíba are the central theme of this paper.

Keywords: Baroque Painting; Paraíba; 17th Century.

O Forro da Capela e a vida de São Francisco

A Casa de Oração - ou Casa de Exercícios - da Venerável Ordem Terceira da Penitência do Convento de Santo Antônio da Paraíba é uma das mais significativas capelas erguidas durante o século XVIII na velha sede da Capitania. Seu forro é mais uma, dentre as

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Imagens de Arte: fronteiras disciplinares entre história da imagem e história da arte”, durante o XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH - “História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos”, realizado na UNISINOS, em São Leopoldo (RS), entre 15 e 20 de julho de 2007.

² Historiadora, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. E-Mail: <cms-oliveira@uol.com.br>. Sítio eletrônico: <<http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/>>.

inúmeras pinturas existentes em igrejas barrocas no Brasil, das quais não se conhece a autoria e, tampouco, se encontrou, até hoje, algum documento que aponte qualquer pista a este respeito. Qual seria, então, a função de uma obra artística dessa envergadura, numa Capitania periférica que, na segunda metade do século XVIII, estava em franca decadência econômica, a ponto de ser anexada a Pernambuco? Embora não haja, necessariamente, uma ligação direta entre opulência decorativa e aumento da riqueza local, o inverso é paradoxalmente mais comum do que se imagina: ostentar riqueza, quando ela não existe, pode ser muito importante numa sociedade permeada por interesses e poderes simbólicos, tal como o era a do Brasil colonial.

Com 268 m², o forro é pintura com forte efeito *trompe l'oeil*, apresentando sacadas e colunas de um prédio imaginário que se avoluma em formas sinuosas sobre as cabeças dos fiéis. Há vários detalhes que merecem atenção nesta obra, mas certamente o espectador é logo atraído para seu tema principal: numa área elíptica, ao centro, aparece uma carruagem subindo aos céus, puxada por dois cavalos e conduzida por um homem barbado, adulto, trajando um hábito franciscano, com a cabeça coberta. Por trás do condutor, chamas flamejantes dão um aspecto fantástico à cena.

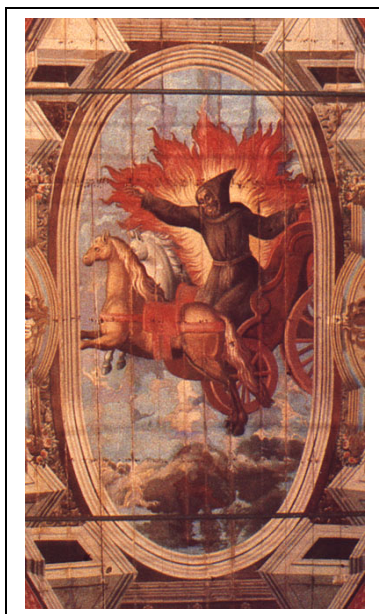


Fig. 1 - Anônimo; *São Francisco no carro de fogo*; segunda metade do século XVIII. Madeira policromada; detalhe do forro, medalhão central, Casa de Oração dos Terceiros; Convento de Santo Antônio da Paraíba, João Pessoa.
Fonte: foto de Carla Mary S. Oliveira, 1999.

Até hoje perdura certa indefinição sobre que cena está ali retratada. O Cônego Florentino Barbosa - padre secular e um dos primeiros estudiosos do Barroco local -

acreditava que ela seria a representação do profeta Elias sendo arrebatado aos céus (BARBOSA, 1953: 51). Sua versão foi aceita localmente, e os historiadores que estudaram os franciscanos e sua arte na Paraíba sempre tangenciaram essa discussão³. Contudo, há outra possibilidade para a interpretação desta imagem, e um dos principais motivos reside no fato de que não há qualquer ligação, na liturgia franciscana, entre Elias e a Ordem Seráfica. Ao contrário: o profeta é considerado como um dos fundadores da Ordem Carmelita, e em muitas das igrejas e capelas desta Ordem espalhadas pelo Brasil há representações de cenas de sua vida, inclusive desse arrebatamento aos céus. Possivelmente a mais conhecida dentre elas seja a do forro da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Sabará, pintada por Joaquim Gonçalves da Rocha entre 1812 e 1813.



Fig. 2 - Joaquim Gonçalves da Rocha, *Santo Elias subindo aos céus observado por São Eliseu*, 1812-1813. Madeira policromada; detalhe do forro, medalhão central; nave principal da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Sabará, Minas Gerais. Fonte: FALCÃO, 1946.

Se houve equívoco quanto à identificação inicial da pintura paraibana, ele não é de explicação difícil: talvez o episódio da vida de Elias narrado no Segundo Livro dos Reis do Antigo Testamento seja dos mais conhecidos entre os cristãos em geral. Quando o Cônego Barbosa começou a estudar o Barroco na Paraíba, há muito já não funcionava o convento franciscano, nem havia atividades regulares dos Terceiros na cidade. Mas qualquer Terceiro,

³ Refiro-me aqui, especialmente, a Humberto Nóbrega (1974) e Glauce Burity (1988).

Frade Menor ou Clarissa conhece o episódio da vida de São Francisco a que, muito provavelmente, se refere a pintura da Casa de Exercícios do Convento de Santo Antônio: sua primeira representação pictórica conhecida foi feita pouco mais de setenta anos após a morte do fundador da Ordem Seráfica, ainda no século XIII, por Giotto, em um dos afrescos laterais da nave central da Basílica Superior de Assis, na Úmbria.



Fig. 3 - Giotto da Bondone, *Legenda de São Francisco, Oitava Cena: Visão do Carro de Fogo*, 1297-1299. Afresco em painel de parede lateral; 270 X 230 cm; nave central da Basílica Superior de São Francisco, Assis, Itália.
Fonte: <<http://www.sanfrancescoassisi.org/>>.

Para Rosalind Brooke, a ligação de São Francisco ao sol ou a imagens de luzes e fogo, ao menos em descrições orais, iniciaram-se menos de dois anos após sua morte, ocorrida na noite de 3 de outubro de 1226, e sua expressão mais clara seria a descrição do *poverello d'Assisi*⁴ presente no sermão proferido pelo papa Gregório IX - amigo próximo e protetor de Francisco e seus seguidores - na cerimônia oficial de canonização, ocorrida em Assis no dia 16 de julho de 1228: “*como a estrela da manhã entre as nuvens,/ como a lua em seu completo esplendor,/ como o sol brilhando no Templo do Altíssimo*”⁵ (BROOKE, 2006: 8). A cena do carro de fogo, por sua vez, foi detalhadamente narrada em várias de suas biografias escritas por membros da Ordem àquela época. Tomás de Celano, frade que conviveu com o santo, provavelmente foi incumbido pelo próprio Gregório IX de escrever uma “vida” do religioso recém-canonizado, trabalho que deve ter concluído entre 1229 e 1230. Conhecido como *Primeira Vida* de São Francisco, o texto descreve brevemente em seu

⁴ Forma carinhosa pela qual contemporâneos de São Francisco o chamavam e que, entre seus devotos, se perpetuou até nossos dias. Literalmente, pode ser traduzida como “pobrezinho de Assis”.

⁵ O texto da versão em inglês: “*like the morning star among the clouds,/ like the moon at the full,/ like the sun shining on the Temple of the Most High*”.

capítulo XVIII a aparição do santo, num carro de fogo, a alguns frades menores em oração, e talvez este seja o primeiro relato escrito daquela cena fantástica:

³ *Lá pela meia-noite, quando alguns frades descansavam e outros rezavam em silêncio com devoção, entrou pela pequena porta um rutilante carro de fogo, deu duas ou três voltas para cá e para lá na casa, tendo sobre ele um globo enorme, que era parecido com o sol e iluminou a noite.* ⁴ *Os que estavam acordados se espantaram e os que estavam dormindo se assustaram, pois sentiram uma claridade não só corporal mas também interior.* (TOMÁS DE CELANO, s.d., cap. XVIII, § 47: 3-4.)

Outra das muitas descrições desta aparição está também na *Vida de São Francisco*⁶ de Juliani di Spira (s.d., cap. V, § 29), que foi escrita por volta de 1232 para uso na França, onde o frade alemão desenvolvia trabalho missionário. Entretanto, a versão mais difundida do episódio talvez seja aquela presente na *Legenda Maior*, escrita por São Boaventura⁷ após o Capítulo⁸ de Narbonne (1260) e publicada em 1263, no Capítulo de Pisa, para uso oficial em todas as Províncias Franciscanas a partir de então:

² *Como o varão devotado a Deus pernoitasse na oração a Deus, como costumava, num tugúrio que ficava na horta dos cônegos, ausente corporalmente dos filhos, eis que, lá pela meia-noite, enquanto alguns frades descansavam e outros continuavam rezando, um carro de fogo de admirável esplendor entrou pela porta da casa e virando de um lado para o outro por três vezes no domicílio. Sobre ele permanecia um globo luminoso, com o aspecto do sol, e fez a noite ficar clara.* ³ *Os que estavam acordados ficaram estupefatos, os que dormiam foram acordados apavorados, e não sentiram menos a claridade do coração que a do corpo, pois em virtude da luz admirável, a consciência de cada um ficou despida diante dos outros.* ⁴ *Compreenderam, todos de acordo, vendo cada um tudo que havia nos corações dos outros, que o santo pai, ausente de corpo, estava presente em espírito, transfigurado naquela imagem, irradiado pelos fulgores supernos, e inflamado pelos ardores. O carro resplandecente pela virtude sobrenatural e ao mesmo tempo de fogo, lhes estava sendo mostrado pelo Senhor para que como verdadeiros israelitas caminhassem atrás daquele que, como outro Elias, tinha sido feito para Deus carro e condutor dos varões espirituais.* (SÃO BOAVENTURA, s.d., cap. IV, § 4: 2-4)

⁶ Considerada, em sua maior parte, como cópia resumida da obra de Celano, salvo em seus trechos finais.

⁷ Nascido em 1221, em Bagnorea, nas cercanias de Viterbo, e batizado com o nome de Giovanni di Fidanza, conta-se que foi curado de grave doença, ainda criança, através da intercessão do próprio São Francisco, que ao recebê-lo nos braços teria exclamado “*oh! Buona Ventura*”, e a partir daí o menino passou a ser chamado por este nome. Foi teólogo, doutor da Igreja, Cardeal de Albano e Ministro Geral dos franciscanos, tendo morrido em Lyon, em 16 de julho de 1274. Foi canonizado em 14 de abril de 1482, pelo papa Sisto IV (ROBINSON, 1907).

⁸ Nome dado à assembléia de religiosos que decide sobre matérias relativas à província, congregação ou ordem católica de que seus membros fazem parte ou, por extensão, o local em que se reúne essa assembléia.

É interessante que São Boaventura compare Francisco a Elias, no entanto parece muito mais provável que a cena retratada no teto da Casa de Oração dos Terceiros da Paraíba seja a da vida de São Francisco. Não bastassem as descrições existentes em suas biografias medievais, há também outro detalhe que justifica essa identificação: o santo italiano teria aparecido desse modo a seus irmãos frades que, recolhidos à noite, rezavam contritamente num casebre nas cercanias de Assis. Não seria esse um episódio extremamente apropriado para decorar uma Casa de Exercícios franciscana e incentivar a prática da oração?

Não se pode esquecer que havia, no Brasil Colonial, o costume de fazer circular entre os fiéis e religiosos um sem número de breviários ilustrados e gravuras avulsas que, quase sempre reproduziam, mesmo que toscamente, pinturas sacras de mestres europeus consagrados⁹. A imagem de São Francisco no carro de fogo feita por Giotto, portanto, além de retratar um fato que não devia ser novidade para os Terceiros, por estar presente nas biografias do santo, também era, provavelmente, conhecida dos irmãos e dos frades através desse tipo de reprodução.

Exemplo disso é o forro da Igreja da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco, em São Paulo, em que aparece a mesma cena, com um desenho mais próximo, até, daquele do afresco de Giotto, salvo pela ausência dos cavalos à frente da carruagem. Lá estão, atônitos, os frades menores que presenciaram a aparição de seu mestre no meio da noite de vigília e oração, detalhe que falta à cena de João Pessoa. Ao contrário da pintura existente na Paraíba, o forro da Igreja dos Terceiros de São Paulo tem sua execução, possível autoria e pagamentos correspondentes documentados nos livros contábeis da ordem. Sua feitura se deu por volta de 1792, e teria sido obra do mestre-pintor paulista José Patrício da Silva Manso (ARAÚJO, 2006: 9-10).

⁹ A esse respeito, ver LEVY (1944).

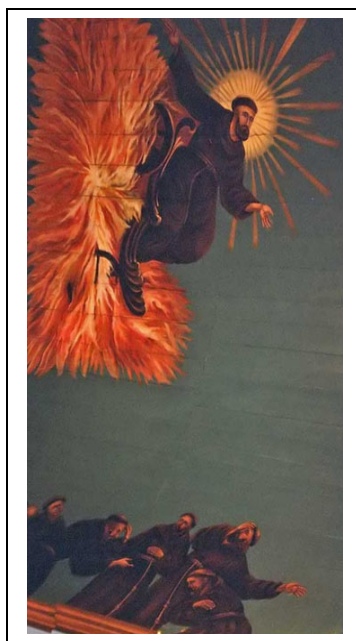


Fig. 4 - José Patrício da Silva Manso (atribuído), *São Francisco no Carro de Fogo*, c. 1792.
 Madeira policromada; detalhe do forro, nave central da
 Igreja da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco, São Paulo, capital.
 Fonte: ARAÚJO, 2006.

Os Terceiros Franciscanos: alegoria e *status* na Paraíba colonial

Até hoje não se sabe de registros documentais do surgimento dos Terceiros Franciscanos em terras paraibanas. Contudo, Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão destaca, em seu *Novo Orbe Seraphico Brasilico*, que havia menção, em um sumário da ordem¹⁰, a um terceiro que atuava como “*syndico da caza da Paraiba*” já no século XVII (JABOATAM, 1980, vol. 2, parte II: 386), o que leva o cronista a inferir que a Ordem Terceira deve ter surgido poucos anos após a instalação dos Frades Menores na cidade.

É certo que os Terceiros utilizavam, ao menos durante a primeira metade do século XVIII, outro espaço do conjunto franciscano para seus serviços, novenas, exercícios espirituais e orações: a Capela da Ordem Terceira - ou Capela Dourada, perpendicular à nave da igreja principal do convento - que os “padres da mesa”¹¹ decidiram mandar erigir em setembro de 1704. Ainda segundo Jaboatão, “*não consta, porem, quando se lhe desse principio, nem se dicesse a primeyra missa*” (JABOATAM, 1980, vol. 2, parte II: 387).

¹⁰ Provavelmente Jaboatão se refere a uma crônica da ordem escrita por Frei Vicente do Salvador antes de sua *História do Brasil*, de 1627, mas hoje perdida (ILHA, 1975: 144, nota 30).

¹¹ Os padres da mesa atuam como conselheiros do superior - no caso dos franciscanos, do guardião - de um convento.

A Casa de Exercícios, contudo, já estava em uso - mas possivelmente ainda com sua decoração por terminar - quando Jaboatão escreveu sua crônica, em 1751, ano em que foi Guardiã do convento paraibano:

(...) e se lhe lançou a primeira [pedra] no seu alicerce a vinte de Mayo de 1748, sendo commissario da ordem o Irmão Pregador Fr. Manoel das Chagas, Ministro o R. cura do Taypú Joseph de Andrade Souza, e vice-Ministro Domingos Baptista de Siqueira. (JABOATAM, 1980, vol. 2, parte II: 387)

Construída paralelamente à Igreja de Santo Antônio e comunicando-se com ela pela sacristia da Capela Dourada e por uma varanda que dá acesso à galilé¹², na entrada do convento, a Casa de Exercícios é templo espaçoso, com uma nave iluminada por amplos janelões que se abrem para o poente e a paisagem do antigo Varadouro. Em seu subsolo há um carneiro - ou cripta - que servia como ossuário para os Terceiros¹³, a que se tem acesso por uma escada de calcário, coberta por um gradil de madeira-de-lei, logo em frente ao altar-mor - passagem que possivelmente ficava oculta por um tapete durante o uso cotidiano do templo.

O delicado acabamento das sanefas sobre as janelas, bem como a refinada talha de seu altar-mor e de seus altares laterais juntam todas as características do barroco franciscano que se espalham pelo Convento. Decorados com colunas salomônicas recobertas de folhagens e detalhes a ouro, os altares da Casa de Oração mostram bem o gosto requintado - ou, ao menos, a tentativa de mostrar certo requinte - por parte dos Irmãos Terceiros da Paraíba.

Se em outras capitanias a Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco reunia sempre os chamados *bons homens* da elite local, o padrão devia se repetir na Paraíba. Por isso mesmo, o ar de requinte que os altares cedem ao ambiente da Casa de Exercícios se justifica, exatamente pela necessidade de marcar o *status* de seus freqüentadores em relação à sociedade em que viviam.

A existência de uma representação de São Francisco no carro de fogo na Paraíba, nesse sentido, pode ser entendida através de diversos prismas: talvez o mais interessante seja o de tentar compreendê-la como uma alegoria relacionada ao lugar social dos freqüentadores

¹² Termo com origem no francês medieval (*galilée*), por sua vez inspirado pelo topônimo latino *Galilaea*, considerada no Antigo Testamento como a região dos gentios, em oposição à *Judaea*, terra do povo eleito. Por extensão, passou a designar o átrio ou varanda de entrada nas igrejas, único local de onde os pagãos ainda não batizados podiam assistir aos serviços religiosos, sendo de uso corrente a partir do século XVII. No Brasil colonial, muitas vezes servia de local de reunião para as irmandades, quando estas não possuíam capela ou igreja própria (HOUAISS, sd.; CORONA & LEMOS, 1972: 236). Trata-se de solução arquitetônica comum nos conventos franciscanos e nas capelas rurais setecentistas do Nordeste.

¹³ O uso do carneiro parece ter sido interrompido a partir da década de 1830. Irineu Ferreira Pinto transcreve, em seu *Datas e Notas para a Historia da Parahyba*, um ofício do presidente da Província ao Guardiã do Convento, de 23 de dezembro de 1831, reafirmando a determinação de construir um cemitério no terreno dos franciscanos, “*tão necessaria quão vantajosa obra*”, que serviria a toda a população da cidade e não apenas aos Frades Menores e Irmãos Terceiros. A obra, contudo, nunca foi efetivada (PINTO, 1916: 119).

daquele espaço. O templo normalmente não devia ficar aberto para uso cotidiano da população da cidade, salvo em ocasiões especiais, como festas do calendário litúrgico ou exéquias de algum irmão terceiro, o que era usual no caso das capelas e igrejas de irmandades das Ordens Terceiras no Brasil colonial.

Assim, aquela aparição de um santo, tal qual teria acontecido no século XIII, poderia significar que os *bons homens* que tinham livre acesso àquela igreja e faziam parte da Ordem Terceira Franciscana se colocavam no mesmo patamar dos Frades Menores que presenciaram a cena miraculosa, ou seja, por serem Terceiros Franciscanos, esses irmãos se diferenciavam do restante dos moradores da cidade, eram parte de um *petit cortège* que gravitava as esferas do poder local, freqüentando cargos e disputando campos de influência política, utilizando-se, para isso, de um capital simbólico específico.

Ora, a idéia fulcral da alegoria barroca é justamente esta: deixar claro, somente aos *iniciados*, uma mensagem específica, transcrita em símbolos e representações que adquirem um novo sentido, dependendo do contexto e local em que são utilizados.

Parece-me ser esta, justamente, a função do *São Francisco no carro de fogo* no forro paraibano: mostrar que os irmãos Terceiros estavam, na “hierarquia celeste”, um degrau acima dos outros simples mortais que porventura vislumbrassem aquela imagem. Trata-se, sem dúvida, de um sinal de distinção social, num mundo em que quase sempre eram justamente o *status* e o prestígio entre os pares que contavam pontos decisivos e serviam de moeda de troca para a obtenção dos disputadíssimos cargos públicos - e suas correspondentes rendas, monetárias ou simbólicas - e das raríssimas mercês da Coroa¹⁴.

Referências

- ARAÚJO, Maria Lucília V. *O painel do forro da capela-mor da igreja dos terceiros franciscanos*. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, NEHAC-UFU, v. 3, n. 3, jul./ set. 2006. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF8/DOSSIE-ARTIGO5-Maria.Lucilia.Viveiros.Araujo.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2006.
- BARBOSA, Cônego Florentino. **Monumentos históricos e artísticos da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1953.
- BROOKE, Rosalind B. **The image of St. Francis: responses to sainthood in the Thirteenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BURITY, Glauce M. N. **A presença dos franciscanos na Paraíba através do Convento de Santo Antônio**. Rio de Janeiro: Bloch, 1988.

¹⁴ Sobre a formação da elite paraibana nas primeiras décadas da colonização e o jogo de poderes e interesses envolvido neste processo, que certamente se estendeu pelos séculos seguintes, ver Gonçalves (2006).

- CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira. **Relíquias da Terra do Ouro**. São Paulo: F. Lanzara, 1946.
- GONÇALVES, Regina Célia. *Guerra e açúcar: a formação da elite política na Capitania da Paraíba (sécs. XVI-XVII)*. **Portuguese Studies Review**, Peterborough, Canada, Trent University, v. 14, n. 1, winter 2006, p. 35-64.
- HOUAISS, Antônio (org.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Edição *on line*. São Paulo: Objetiva, s.d. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 11 mar. 2007.
- ILHA, Frei Manuel da. **Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1584-1621)**. Edição bilíngüe, traduzida do manuscrito original em latim e comentada por Fr. Ildefonso Silveira, OFM. Petrópolis: Vozes, 1975.
- JABOATAM, Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seraphico Brasilico ou Chronica dos frades menores da Provincia do Brasil**. Reprodução facsimilar da edição de 1888. 2 vols. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1980 [1761].
- JULIANI DI SPIRA. **Vida de São Francisco**. São Paulo: Província dos Capuchinhos de São Paulo, s.d. [c. 1232-1235]. Disponível em: <http://www.procas.org.br/paragrafo_subcapitulo.php?titulo=Vida%20de%20São%20Francisco&cSubCap=50&vertudo=1>. Acesso em: 21 out. 2006.
- LEVY, Hannah. *Modelos europeus na pintura colonial*. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, SPHAN, n. 8, 1944, p. 7-66.
- NÓBREGA, Humberto C. da Cunha. **Arte colonial da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1974.
- PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e notas para a Historia da Parahyba**. Volume II. Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1916.
- ROBINSON, Pascal. *St. Bonaventura (verbete)*. In: **New Advent Catholic Encyclopedia**. Vol. II. New York: Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/02648c.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2007.
- SÃO BOAVENTURA. **Legenda Maior de São Francisco**. São Paulo: Província dos Capuchinhos de São Paulo, s.d. [1263]. Disponível em: <<http://www.procas.org.br/subcapitulo.php?cSubcap=57>>. Acesso em: 21 out. 2006.
- TOMÁS DE CELANO. **Primeira vida de São Francisco de Assis**. São Paulo: Província dos Capuchinhos de São Paulo, s.d. [c. 1229-1230]. Disponível em: <[http://www.procas.org.br/paragrafo_subcapitulo.php?titulo=Primeira%20Vida%20\(1Cel\)&cSubCap=46&vertudo=1](http://www.procas.org.br/paragrafo_subcapitulo.php?titulo=Primeira%20Vida%20(1Cel)&cSubCap=46&vertudo=1)>. Acesso em: 21 out. 2006.